

# O cristianismo e a desigualdade social à luz da parábola do rico e do mendigo Lázaro

*Christianity and social inequality in the light of the parable of the rich man and the beggar Lazarus*

*Eduardo Cavalcante Oliveira Santos*

## Resumo

Esta pesquisa bíblica, em forma de artigo científico, intitulada “O cristianismo e a desigualdade social à luz da parábola do rico e do mendigo Lázaro”, tem como tarefa principal identificar, dentro do contexto histórico e do contexto literário do texto bíblico e, também, através de uma pesquisa bibliográfica e de uma interpretação bíblico-teológica, o sentido original da mensagem da parábola do rico e do mendigo Lázaro em Lc 16,19-31, conforme aquela que se supõe ter sido a intenção do autor aos seus destinatários originais. A partir desta perspectiva, concluiu-se que o autor do evangelho de Lucas tinha a intenção de demonstrar que a parábola deve ser interpretada como uma advertência aos ricos, enfatizando a importância da administração dos bens e a necessidade de ajudar os pobres, e que no juízo final os seres humanos serão julgados pela forma como viveram e trataram os seus semelhantes e, que por fim, sofrerão as consequências dos seus atos.

**Palavras-chave:** Desigualdade. Parábola. Rico. Lázaro.

## Abstract

This biblical research, in the form of a scientific article, entitled “Christianity and social inequality in the light of the parable of the rich man



and the beggar Lazarus”, has as its main task to identify, within the historical context and the literary context of the biblical text, and also, through a bibliographical research and a biblical-theological interpretation, the original meaning of the message of the parable of the rich man and the beggar Lazarus in Luke 16:19-31, according to what is supposed to have been the author’s intention to its original recipients. From this perspective, it was concluded that the author of the Gospel of Luke intended to demonstrate that the parable should be interpreted as a warning to the rich, emphasizing the importance of the administration of goods and the need to help the poor, and that in the final judgment human beings will be judged for the way they lived and treated their fellow human beings and, ultimately, will suffer the consequences of their actions.

**Keywords:** Inequality. Parable. Rich. Lazarus.

## Introdução

Os cristãos do Ocidente, que veem de forma muito “próxima e pessoal” as desigualdades entre ricos e pobres, reagem de formas bem diferentes. Muitos ficam perplexos e horrorizados: “Como é possível tolerar essa injustiça?” Alguns, com elevado idealismo, “propõem uma reformulação radical” das estruturas sociais, “defendendo sistemas nacionais de saúde”, “habitação subsidiada pelo governo” e “economias socialistas plenas”. Buscando alcançar esses objetivos, se preciso, através da violência revolucionária. Mesmo que “o histórico de quase um século de marxismo em vários países” não revele êxito “em reduzir o fosso entre os ricos e os pobres”.<sup>1</sup> Este grupo defende que o socialismo não deve ser culpado, pois, ele só funcionará quando for pleno. Até lá, nunca houve socialismo nenhum! Afinal, sempre houve elementos do capitalismo funcionando nas nações socialistas. Essa é a reação pró-socialista.

Outros ainda, igualmente preocupados, defendem exatamente a abordagem oposta. Sustentando que seria necessário um capitalismo mais autêntico, crendo que o problema é que as nações não têm sistemas econômicos com um verdadeiro sistema de livre mercado. Desta forma, o capitalismo não deve ser culpado porque o capitalismo autêntico ainda não apareceu, pois

<sup>1</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 56-57.

não lhe foi dada oportunidade. Seria necessário um sistema econômico com redução de impostos sobre os lucros, para que a curto prazo haja estímulo nos investimentos, nos negócios e, a longo prazo, beneficiar a sociedade em geral, promovendo equilíbrio econômico e social.<sup>2</sup> Essa é a reação pró-capitalista.

Essas duas reações são formuladas a partir de uma análise socioeconômica. Mas, poderíamos também elencar outras duas reações, que partem de uma análise político-social. Assim, uma terceira reação é que alguns preferem culpar os pobres pelas próprias dificuldades, pressupondo que eles, em sua maioria, são preguiçosos, ou pelo menos não têm disposição suficiente para estudarem e trabalharem, sem contar que uma parcela grande seja irresponsável. Este grupo defende que todos os que realmente desejam, poderiam progredir pelos próprios esforços. A maioria das pessoas pobres simplesmente recebe o que merece.<sup>3</sup> Essa é a reação pró-meritocracia.

Uma quarta reação toma a forma de resistência aos poderes sociais e políticos opressores e assume a defesa identitária das vítimas oprimidas pelas injustiças da classe dominante. Fruto da lógica maniqueísta baseada no binômio “opressor-oprimido”, ela caracteriza-se por identificar a vítima como minoria-injustiçada-oprimida-a-ser-redimida e o opressor como o homem-branco-cristão-heterossexual-burguês-condenado. Este grupo busca uma forma “mais elevada” de justiça, que pretende corrigir uma extensa corrente de erros históricos: a justiça como recompensa e a pena capital que não só é merecida devido à ameaça ideológica, como também é acolhida pela vítima minoritária.<sup>4</sup> Essa é a reação pró-identitarismo.

O presente artigo tem por objetivo, dentro do contexto histórico e literário do texto bíblico e através de uma interpretação bíblico-teológica, encontrar o sentido original da mensagem da parábola do rico e do mendigo Lázaro em Lc 16,19-31, e, também, dar parâmetros para refletirmos a respeito das seguintes questões: Qual(is) das reações anteriores seria a reação de Jesus? Qual delas apresenta respaldo bíblico? Apenas uma, duas delas ou nenhuma?

## 1. A desigualdade social no texto bíblico

Encontramos inúmeras declarações no Antigo Testamento que demonstram que o povo de Deus deve manifestar preocupação para com

<sup>2</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 57.

<sup>3</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 57.

<sup>4</sup> WALSH, M., *Escola de Frankfurt*, p. 73.



os necessitados. Entre elas podemos destacar dois provérbios de Salomão: “Quem tapa os ouvidos ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido” (Pr 21,13); e, “Quem dá ao pobre não terá falta, mas quem fecha os olhos para isso terá muitas maldições” (Pr 28,27). No Novo Testamento, também encontramos muitas declarações sobre como deve ser a relação dos cristãos com os necessitados. Podemos destacar um texto de Tiago: “Se um irmão ou irmã estiverem necessitados de roupas e do alimento de cada dia, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos, e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que vantagem há nisso?” (Tg 2,15-16); e, o seguinte texto do apóstolo João: “Nisto conhecemos o amor: Cristo deu sua vida por nós, e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo seu irmão em necessidade, fechar-lhe o coração, como o amor de Deus pode permanecer nele?” (1Jo 3,16-17).

O cuidado com os pobres e necessitados não é um fim em si mesmo, afinal não é preciso ser “cristão para ajudar os desprovidos”.<sup>5</sup> O cristão é chamado a cuidar dos pobres, porque Deus é glorificado quando o faz. O cristão é chamado a cuidar dos necessitados, porque eles são seus irmãos. O cristão é chamado a cuidar dos carentes, porque são responsáveis em partilhar seus bens. O cristão é chamado a cuidar dos miseráveis, porque devem seguir o exemplo de Cristo.

Na Bíblia, Deus é visto como um Ser “misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de bondade e de fidelidade” (Ex 34,6), que “levanta o pobre do pó” e “ergue o necessitado do monte de cinzas” (1Sm 2,8), que “defende os oprimidos” e “dá alimento aos famintos” (Sl 146,7), que é “defesa para os indefesos” e “para o necessitado em sua angústia” (Is 25,4).<sup>6</sup> No texto bíblico, não há referências que mostrem Deus sendo apático em relação aos necessitados. Ao invés disso, encontramos “vários preceitos morais contra a ganância e a avareza”,<sup>7</sup> condenando os que não são solidários ou fraternos. Deus está sempre pronto em “ouvir, ajudar, defender e demonstrar sua compaixão por eles”.<sup>8</sup> Algo implícito a isso, é que o povo de Deus deve seguir Seu exemplo e não realizar menos do que lhe é esperado em relação à ajuda aos necessitados.

Assim, encontramos na Bíblia advertências a favor da justiça social e

<sup>5</sup> ARMSTRONG, A., O fim da pobreza, p. 89.

<sup>6</sup> PLATT, D., Contracultura, p. 51.

<sup>7</sup> GALVÃO, A. M., O rico e o pobre, p. 53.

<sup>8</sup> PLATT, D., Contracultura, p. 53.

encontramos Deus exigindo que os líderes da nação atuem com neutralidade, isenção e vigilância para garantirem que todos os cidadãos sejam tratados com imparcialidade e justiça. O povo comum também era igualmente responsável em ajudar os pobres presentes na sociedade em geral.<sup>9</sup> É importante destacarmos que as admoestações e reprimendas contra os ricos é dirigida para aqueles que enriqueceram de forma corrupta ou são insensíveis ao estado de miséria do próximo.<sup>10</sup> E como Jesus abordou o assunto?

Em uma de suas primeiras aparições públicas, Jesus foi até a sinagoga no sábado, como era seu costume, e leu o seguinte texto do profeta Isaías a Seu respeito:

Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda; então, clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam (Is 58,6-11).

Jesus aparentemente não selecionou o livro do qual leu, pois o rolo do profeta Isaías Lhe foi dado. A passagem poderia ter sido selecionada pelo chefe da sinagoga, mas é possível que Jesus tenha selecionado o texto pessoalmente. Isto concordaria com as palavras de Lucas: “abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito” (Lc 4,17).<sup>11</sup> Essa escolha, registrada no evangelho de Lucas, é muito significativa para a ênfase que este evangelho escolhe para o ministério de Jesus. Perto do fim do Seu ministério, Cristo dá a seguinte declaração a respeito da recompensa dos justos:

<sup>9</sup> LINDER, R. D., *Opressão*, p. 473.

<sup>10</sup> GALVÃO, A. M., *O rico e o pobre*, p. 54.

<sup>11</sup> MORRIS, L. L., *Lucas*, p. 101.



Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me”. Neste momento, os justos indagam: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? E Cristo responde: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes (Mt 25,34-40).

Jesus descreve a separação entre justos e ímpios no juízo final, como os primeiros tendo ajudado os necessitados e os últimos não. As declarações de Jesus, assim como toda a Escritura, tornam claro que “os que se dizem cristãos, mas se recusam a ajudar quem foi atingido pela pobreza simplesmente não são filhos de Deus”.<sup>12</sup> Sua empatia para com os necessitados e oprimidos é descrita como Ele se fazendo faminto para os que têm fome, excluído para os que não tem voz e de doente para os banidos da sociedade.<sup>13</sup>

Certa ocasião Jesus contou uma parábola sobre uma situação de desigualdade socioeconômica. Será que sua reação se encaixa em algum dos quatro modelos que esboçamos na introdução, ou Ele apresenta a solução para essa problemática por outro prisma?

## 2. O evangelho de Lucas e as parábolas de Jesus

Todos os evangelhos são anônimos na forma em que os temos, mas a tradição lhes atribuiu autores. No caso do evangelho de Lucas, essa atribuição remonta ao século II.<sup>14</sup> Lucas não era, pelo que sabemos, uma pessoa de destaque na igreja primitiva para que dois volumes tão importantes fossem atribuídos a ele sem motivo. Se os primeiros leitores estivessem buscando autores, não seria muito mais provável que sugerissem um apóstolo? O fato de que um homem que não era apóstolo e nem tinha posição de destaque, ser universalmente considerado na antiguidade como tendo sido o autor, deve receber a devida atenção.<sup>15</sup> Portanto, o fato dele ser “uma pessoa tão insignificante na igreja

<sup>12</sup> PLATT, D., *Contracultura*, p. 50.

<sup>13</sup> GALVÃO, A. M., *O rico e o pobre*, p. 70.

<sup>14</sup> MORRIS, L. L., *Lucas*, p. 20.

<sup>15</sup> MORRIS, L. L., *Lucas*, p. 13.

primitiva” é um ponto muito forte a favor da tradição da autoria de Lucas.<sup>16</sup> Sendo essa atribuição correta, quem era esse “insignificante” Lucas? A maior parte dos autores concorda que ele é o “Lucas, o médico amado” de Cl 4,14, um dos seguidores mais fiéis de Paulo (2Tm 4,11).<sup>17</sup>

Em relação à datação do evangelho de Lucas, os estudiosos se dividem entre aqueles que defendem uma data anterior à morte de Paulo (64 d.C.) e aqueles que advogam uma data posterior à queda de Jerusalém (70 d.C.).<sup>18</sup> Entre aqueles que defendem a datação mais antiga, eles o fazem afirmando que Lucas e Atos foram escritos “antes do fim da primeira prisão de Paulo (pelo ano de 63 d. C), porque o livro de Atos parece terminar abruptamente enquanto Paulo ainda estava na prisão”,<sup>19</sup> “provavelmente porque as circunstâncias não tinham ainda se modificado quando o livro foi escrito”.<sup>20</sup> Assim, devido ao “destino indeciso de Paulo somado à ausência da destruição de Jerusalém ou do martírio de Pedro apontam para uma data anterior ao ano 62 d.C., fazendo com que uma composição próxima do final dos anos 50 ou início dos 60 pareça provável”.<sup>21</sup>

O duplo livro de Lucas-Atos representa 27,1% de todo o material do Novo Testamento. Comparando, as epístolas paulinas – excetuando a controversa autoria de Hebreus – ocupam 25,6% e os escritos joaninos 17,7%.<sup>22</sup> O prefácio de Lucas segue uma convenção literária bastante conhecida e pouco utilizada pelos autores das Escrituras Sagradas. Ele apresenta as razões da sua narrativa e nomeia o destinatário da sua obra. Lucas dedica sua obra a Teófilo, que de acordo com Laurence E. Porter, pode ter sido: (a) um indivíduo com esse nome; (b) um oficial público a quem Lucas se dirigiu com um pseudônimo; ou, (c) uma figura simplesmente simbólica, cujo significado do nome é “Amado por Deus” ou “Precioso para Deus”.<sup>23</sup> Gordon D. Fee acrescenta uma quarta possibilidade, de que “seguindo o costume dos prefácios desse gênero na literatura greco-romana, ele provavelmente foi o patrocinador do

<sup>16</sup> PORTER, L. E., Lucas, p. 1.129.

<sup>17</sup> BULL, K. M., Panorama do Novo Testamento, p. 35.

<sup>18</sup> FEE, G. D.; STUART, D., Como ler a Bíblia livro por livro, p. 338.

<sup>19</sup> STUHLMEYER, C., Evangelho de Lucas, p. 6.

<sup>20</sup> GUNDRY, R. H., Panorama do Novo Testamento, p. 271.

<sup>21</sup> CARVALHO, A. S., O homem rico e Lázaro, p. 33-334.

<sup>22</sup> BOCK, D. L., A Theology of Luke-Acts, p. 1.

<sup>23</sup> PORTER, L. E., Lucas, p. 1.133.

livro de Lucas-Atos”.<sup>24</sup> O evangelho de Lucas mostra Jesus em contato com as necessidades das pessoas.<sup>25</sup> Ele apresenta uma análise do contexto político-econômico-social.<sup>26</sup>

## 2.1. As parábolas de Jesus

A Bíblia é um livro rico em material alegórico, nela podemos encontrar parábolas, tipologias e figuras de linguagem. Jesus, conhecendo o poder e o fascínio da linguagem figurada, usava esse recurso para aumentar o efeito de seu ministério oral.<sup>27</sup> O termo parábola vem do grego *parabole*, que significa literalmente “colocar lado a lado”. Dessa forma, as parábolas comparam uma coisa à outra. Nos evangelhos, elas foram usadas especificamente para comparar alguns aspectos comuns da vida cotidiana com as realidades do reino de Deus. Entretanto, parábolas não são simplesmente ilustrações (semelhantes àquelas encontradas nos sermões modernos). Uma ilustração pode ajudar uma audiência a entender um assunto transmitido pelo apresentador, mas não é a essência da sua mensagem. Porém, no caso das parábolas ela é a própria mensagem. Elas não são usadas para ilustrar o assunto, elas são o assunto. Em linguagem figurada a parábola transmite conhecimento sobre Deus e Seu reino, ao mesmo tempo em que provoca nos ouvintes a reação desejada pelo apresentador.<sup>28</sup>

Nas parábolas de Jesus nos evangelhos, temos aquilo que Kenneth Bailey chama de “a peça dentro da peça”. A peça ocorre onde estão Jesus e seu auditório. Muitas vezes o seu auditório é composto de seus inimigos teológicos, e desta forma um conflito está ocorrendo. Assim, temos a peça toda (uma longa cena dramática) e dentro dessa peça é narrada a parábola. Desta forma, sempre que possível, devemos procurar identificar o auditório (a peça) e tentar entender a atitude do auditório original diante do tópico discutido pela parábola (a peça dentro da peça).<sup>29</sup>

<sup>24</sup> FEE, G. D.; STUART, D., Como ler a Bíblia livro por livro, p. 338.

<sup>25</sup> NICHOL, F. D., et al., Comentario biblico adventista del séptimo dia, p. 650.

<sup>26</sup> SCHOTTROFF, L., As parábolas de Jesus, p. 208.

<sup>27</sup> LOCKYER, H., All The Teachings Of Jesus, p. 7.

<sup>28</sup> COLEMAN, L., Parábolas, p. 7-8.

<sup>29</sup> BAILEY, K., As parábolas de Lucas, p. 16.



### 3. O contexto histórico e literário da parábola do rico e do mendigo

Na parábola do homem rico e do mendigo Lázaro, Jesus utiliza elementos do imaginário de diversas culturas, tais como, o acesso ao mundo dos mortos, a inversão da sorte no além e a insensibilidade dos ricos com o sofrimento dos pobres.<sup>30</sup> Para compreendermos esta parábola é essencial conhecermos a fábula egípcia da viagem de Si-Osiris e do seu pai Setme ao reino dos mortos, este conhecido material narrativo da época de Jesus, tinha por objeto a inversão da sorte no além e termina com as palavras: “Para todos os que são bons na terra, também o mundo inferior será bom, e para todos os que forem maus na terra, as coisas não serão boas lá embaixo”.<sup>31</sup>

A fábula egípcia conta a respeito de um egípcio que foi autorizado a voltar do além para enfrentar um mágico etíope que estava se tornando mais poderoso que os magos do Egito. Ele reencarnou como o filho de Setme e sua esposa, e se chamou Si-Osiris. Quando ele atingiu a idade de doze anos derrotou o mago etíope e voltou para o mundo dos mortos. Porém, antes disso, houve uma ocasião em que ele e seu pai observaram dois funerais.<sup>32</sup> Setme observava, ao mesmo tempo, um pomposo funeral de um rico com roupas suntuosas e muito luto, e o funeral de um pobre que foi levado à sepultura sem qualquer cerimônia. Setme declarou ao filho que preferia o funeral do rico e não do pobre, mas Si-Osiris disse que desejava que após a morte o pai experimentasse o mesmo que o homem pobre experimentou. A tristeza de Setme com esta frase do filho foi embora quando Si-Osiris o levou para conhecer os sete salões de Amente (reino dos mortos). No antepenúltimo salão estava o rico, com um pivô da porta do salão fixado em seus olhos, pois tinha mais pecados do que boas ações. No penúltimo salão, estavam os deuses e auxiliares. No último salão, ele viu o julgamento do pobre, onde este foi elevado a um alto posto, vestido com as roupas do rico e recebeu honras devido suas obras serem maiores do que os seus pecados e por não ter sido compensado no mundo dos vivos.<sup>33</sup> Si-Osiris conta ao pai que existem três destinos para três tipos de

<sup>30</sup> STUHLMEYER, C., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 599.

<sup>31</sup> BORING, M. E.; BERGER, K; COLPE, C., Hellenistic Commentary to the New Testament, p. 227- 228.

<sup>32</sup> BAUCKHAM, R., The rich man and Lazarus, p. 227-231.

<sup>33</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 592-593.

mortos: “aqueles cujas boas ações ultrapassam as suas más ações (como o pobre), aqueles cujos maus atos superam seus bons feitos (como o homem rico) e aqueles cujos bons e maus atos são iguais”.<sup>34</sup>

Acredita-se que judeus alexandrinos trouxeram a fábula de Si-Osíris para a Palestina, onde ela foi transformada na narrativa do pobre escriba e do rico publicano Bar Ma’jan. E, entende-se, que Jesus conhecia essa narrativa, pois ele emprega elementos dela tanto nesta parábola, quanto na parábola do grande banquete (Lc 14,15-24).<sup>35</sup> Esse relato declara que os dois homens morreram.<sup>36</sup> O rico publicano Bar Ma’jan teve um pomposo sepultamento que toda a cidade queria acompanhar, apesar de não ser um homem piedoso, pois tinha feito uma só vez uma suposta boa obra e foi nela surpreendido pela morte. Acreditava-se que uma vez que a hora da morte decide e a boa obra não podia mais ser suplantada por más ações, ele seria recompensado por Deus, o que se deu pelo magnífico acompanhamento fúnebre. Qual, porém, foi a boa ação de Bar Ma’jan? Ele organizara um banquete de festa para os membros do Conselho, mas eles não foram. Então ele ordenou: “Os pobres venham e comam, para que a comida não se perca”.<sup>37</sup> Bar Ma’jan, provavelmente era um publicano, novo rico, que organizou o convite porque queria ser aceito socialmente pelo velho círculo de pessoas importantes. Mas eles, talvez por combinação, recusam a comparecer, desconversando com argumentos que não convenciam ninguém. Irado, ele mandou chamar para sua casa os mendigos, para mostrar aos importantes da cidade que ele não precisava deles. Portanto, a motivação dele não era desinteressada ou nobre.<sup>38</sup> Um estudioso e amigo do pobre lamentou a diferença entre os sepultamentos, até que num sonho viu como era a sorte de ambos os homens no além. Ele viu o intérprete da Torá em jardins de rara beleza, onde corriam águas das fontes. E viu Bar Ma’jan à margem de um rio, tentando alcançar a água, sem sucesso,<sup>39</sup> e, “por toda a eternidade deveria lambe a língua para saciar sua sede”.<sup>40</sup>

<sup>34</sup> WARDEN, D., *The rich man and Lazarus*, p. 86.

<sup>35</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 184.

<sup>36</sup> CARVALHO, A. S., *O homem rico e Lázaro*, p. 342.

<sup>37</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 179.

<sup>38</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 180.

<sup>39</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 185.

<sup>40</sup> WARDEN, D., *The rich man and Lazarus*, p. 86.

O apócrifo judeu de Janes e Jambres faz um paralelo com o pedido do rico para que Lázaro voltasse dos mortos para advertir seus irmãos sobre o destino deles (v. 27-30), este apócrifo “relata que a ‘sombra’ de Janes (sua existência pós-morte) retornou do Hades para alertar Jambres sobre o fogo e sobre as trevas a fim de que ele passasse a fazer o bem”.<sup>41</sup> À luz de textos apócrifos ou da tradição judaica (4Esd 7,75-99; 8,59; 4Mc 13,17), sabemos que uma ala dos judeus dos tempos de Jesus acreditava que parte do tormento dos ímpios era devido a eles poderem ver a recompensa dos santos. Semelhantemente, parte do descanso dos justos é que eles podiam ver o sofrimento dos perversos e se regozijar daquilo que foram libertos. Assim, esta parábola reflete uma tradição judaica popular a respeito da vida após a morte.<sup>42</sup> Na parte final da parábola, no diálogo entre o rico e Abraão (v.27-31), Jesus diverge totalmente das lendas egípcias e judaicas que faziam paralelo parcial (v.19-26).<sup>43</sup> É essa novidade em relação aos contos folclóricos que iremos tratar na última parte desta pesquisa.

#### 4. Análise da parábola do rico e do mendigo

Uma análise cuidadosa da temática do capítulo 16 do evangelho de Lucas, demonstra que o assunto principal tratado ali é a riqueza. Nos primeiros versículos (1-13), encontramos a parábola do administrador infiel, sendo que no versículo 13 encontramos a declaração de Jesus que constitui o ponto central do capítulo: “Vocês não podem servir a dois senhores”.<sup>44</sup> Em seguida, temos a parábola do homem rico e do mendigo Lázaro (Lc 16,19-31):

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os

<sup>41</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 592.

<sup>42</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 139.

<sup>43</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 67-69.

<sup>44</sup> GALVÃO, A. M., O rico e o pobre, p. 53.

olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós. Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

A parábola contada por Jesus começa apresentando situações extremas entre ricos e pobres no Israel do século I, em que um homem vive com dinheiro, luxo e conforto, enquanto outro sofre miseravelmente. Apenas uma diminuta parte da sociedade do tempo de Jesus era composta pelos mais ricos que poderiam se encaixar na descrição desse rico. Por outro lado, a situação difícil do mendigo era muito comum, mas a descrição de Lázaro era extrema. O fato dele ser “colocado” junto ao portão do rico sugere que ele era aleijado e incapaz de chegar ali sem ajuda. Lázaro é uma abreviação da expressão hebraica “aquele que Deus ajuda”, justamente trazendo a ideia de que o rico não ajudou o mendigo, somente Deus.<sup>45</sup> Ele está coberto de feridas abertas que lembram as úlceras de Jó.<sup>46</sup> Lucas “usa o verbo ‘εἰλωμένος’ (que alguns autores supõem ser um termo médico) indicando que o corpo dele estava coberto de pústulas, isto é, cheio de feridas inflamadas”.<sup>47</sup> Como não haviam locais especializados onde os doentes fossem cuidados, os enfermos eram levados até os cidadãos com mais recursos para receberem auxílio. Essa era a ligação entre o mendigo e o rico. Mas, ele era esquecido naquele estado, dia após dia, enquanto o rico não tinha nenhuma necessidade que

<sup>45</sup> GARDNER, P., Quem é quem na Bíblia Sagrada, p. 406.

<sup>46</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 58.

<sup>47</sup> HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 510.

não fosse suprida. Quem poderia aliviar-lhe os sofrimentos, vivia para si mesmo.<sup>48</sup>

Os cães que vêm lambe as feridas não são os amistosos animais de estimação que estamos acostumados. Os israelitas não mantinham cães em casa como animais de estimação. Pelo contrário, esses são cães que ficavam perambulando e revirando lixo pelas aldeias.<sup>49</sup> Tanto as feridas abertas, quanto os cães que vinham lambê-las fizeram dele alguém ritualmente imundo.<sup>50</sup> Ele era alguém socialmente marginalizado e religiosamente impuro.<sup>51</sup> Na época de Jesus, era costume das ricas famílias judaicas comer a parte dura, provavelmente a casca do pão, com as mãos, enquanto o miolo era utilizado “para limpar as mãos e a boca”.<sup>52</sup> Depois de usados para higiene, essas sobras eram jogadas aos cães, “Lázaro estava esperando esse pão”,<sup>53</sup> mas nem isso lhe era dado, semelhantemente ao “filho pródigo” que não podia comer as “alfarobas que os porcos comiam” (Lc 15,16).<sup>54</sup>

Na compreensão rabínica, três situações indicavam ausência de vida em um homem: (1) quando dependia da comida da mesa de outro homem; (2) quando era governado por sua esposa; e, (3) quando seu corpo estava coberto de feridas. Desta forma, ele estava socialmente morto e religiosamente contaminado e ninguém esperava que ele estivesse entre os abençoados.<sup>55</sup>

No traje de púrpura e linho finíssimo fica evidenciada a riqueza do homem. Este material era utilizado na confecção dos trajes sacerdotais, os quais chegavam a custar uma soma equivalente ao salário de vários anos de trabalho de um operário comum.<sup>56</sup> As roupas púrpuras (vermelhas ou violetas) eram importadas da região da Fenícia e o linho, quase sempre branco, importado do Egito. Tanto o linho como a púrpura eram tecidos caríssimos e só eram usados pelas pessoas bem ricas.<sup>57</sup>

<sup>48</sup> WHITE, E. G., *Parábolas de Jesus*, p. 261.

<sup>49</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 58.

<sup>50</sup> SNODGRASS, K., *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, p. 596-597.

<sup>51</sup> CHIUPKA, L., *An Exegesis of Luke 16:19-31*, p. 337.

<sup>52</sup> GALVÃO, A. M., *O rico e o pobre*, p. 54.

<sup>53</sup> BARCLAY, W., *Comentário do Novo Testamento*, p. 186.

<sup>54</sup> GALVÃO, A. M., *O rico e o pobre*, p. 63.

<sup>55</sup> BOCK, D. L., *The parable of the rich man and Lazarus and the ethics of Jesus*, p. 66.

<sup>56</sup> BARCLAY, W., *Comentário do Novo Testamento*, p. 213 *apud* AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., *Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31*, p. 136.

<sup>57</sup> GALVÃO, A. M., *O rico e o pobre*, p. 57.

Os dois morreram na mesma época a despeito da condição socioeconômica deles, “revelando a igualdade das pessoas”.<sup>58</sup> Uma questão-chave nesta parábola é a aparente ausência de qualquer referência à fé de qualquer um dos personagens. O rico aparentemente parece ser condenado simplesmente porque era rico. O mendigo Lázaro parece ter sido premiado na vida após a morte simplesmente para compensar sua pobreza. Um olhar desatento diria que existe uma contradição, essa não parece ser a salvação pela graça por meio da fé que conhecemos nos escritos de Paulo e nas palavras de Jesus; mas, sim, uma salvação ou condenação eterna por classe socioeconômica.<sup>59</sup> Uma espécie de salvação cármica. Mas esse não é o caso. O fato de não se frisar claramente sua culpa, explica-se pelo fato de ser este um material já conhecido dos ouvintes de Jesus. O rico da parábola talvez agisse conforme a lei judaica: orava, jejuava e pagava o dízimo regularmente. Tudo no Templo; nada na prática da vida. Ele pode ter sido um bom religioso, mas nunca se tornou um adorador. Não teve a capacidade de suprimir o abismo.<sup>60</sup> Ainda que de forma implícita, se percebe que ele é um glutão e impiedoso.<sup>61</sup>

Pelo fato de Jesus não descrever, como na narrativa popular, um escriba piedoso, o que segue é inesperado para os seus ouvintes.<sup>62</sup> Jesus inverte completamente a expectativa padrão do século I, quando afirma a respeito de quem foi para junto de Abraão (perto da presença de Deus) e de quem foi para o *hades*.<sup>63</sup> “Ao seio de Abraão” (Lc 16,22) é a designação do lugar de honra do banquete, o mais alto alvo, significa que Lázaro está no ponto mais elevado na escala dos justos.<sup>64</sup> Com a inversão da sorte no além, o rico passa a ser o miserável e o mendigo passa a ocupar um lugar de honra. Na Terra, o rico fazia banquetes, após a morte, Lázaro, participa do “banquete escatológico”. Lázaro antes da morte e o rico após a morte, “desejavam, em vão, qualquer ‘sobra’ que servisse para aliviar a sua dor, e ambos experimentaram o sofrimento e o tormento”. A modéstia do pedido do rico – uma única gota de água – serve para ilustrar o horror dos tormentos.<sup>65</sup> Apenas uma gota da fonte das águas

<sup>58</sup> GALVÃO, A. M., O rico e o pobre, p. 60.

<sup>59</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 60.

<sup>60</sup> GALVÃO, A. M., O rico e o pobre, p. 66.

<sup>61</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 185.

<sup>62</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 185-186.

<sup>63</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 59.

<sup>64</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 185-186.

<sup>65</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 595.

que correm no lugar dos justos sobre a língua do rico, seria um alívio do seu tormento.<sup>66</sup>

É muito provável que os ouvintes de Jesus tivessem o pressuposto de que o rico era abençoado por Deus por causa de sua piedade e que o mendigo moribundo estava sendo castigado por algum pecado.<sup>67</sup> De acordo com a compreensão de retribuição do antigo judaísmo ele era marcado como um pecador castigado por Deus,<sup>68</sup> e eles buscavam respaldo para essa crença em alguns textos do Antigo Testamento. Esse pensamento ainda permanecia nos tempos de Jesus: “Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: ‘Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?’” (Jo 9,1-2). A riqueza era considerada um favor divino, tanto na cultura judaica, como na cultura grega, por isso, os ouvintes de Jesus ficaram espantados e muito provavelmente até mesmo indignados quando ouviram o desenrolar da história de Jesus.<sup>69</sup>

Aqui observamos a gestação da chamada “teologia da prosperidade”, que afirma que se as pessoas tiverem fé suficiente, Deus as curará de suas enfermidades e lhes concederá riquezas materiais. Mas isso se deve a uma leitura enviesada do Antigo Testamento, pois essa era apenas uma parte do pacto de Deus com Israel. Os livros de Provérbios, Jó e Eclesiastes e muitos dos salmos falam do pobre justo e do rico injusto. O que se percebe é que a promessa de Deus não dizia respeito a “bênçãos individuais por causa da fidelidade da pessoa, mas, sim, a bênçãos nacionais resultantes da obediência do povo — e, em especial, de seus líderes — como um todo”.<sup>70</sup> E esse era um pacto exclusivo com Israel, que Deus não fez com nenhuma outra nação na época do Antigo Testamento. E no Novo Testamento isso não parece ser algo que a igreja busca se apropriar.<sup>71</sup> O rico apela para a descendência de Abraão, isto é, para a participação no mérito substitutivo de Abraão. “Abraão, meu pai”, orou ele, “tem misericórdia de mim” (Lc 16,24). Não orou a Deus, mas a Abraão. Assim, colocava Abraão acima de Deus, e confiava na salvação pelo parentesco com ele.<sup>72</sup>

<sup>66</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 186.

<sup>67</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 64-65.

<sup>68</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 185-186.

<sup>69</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 58-59.

<sup>70</sup> BLOMBERG, C. L., *Pregando as parábolas*, p. 59-60.

<sup>71</sup> SNODGRASS, K., *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*, p. 597.

<sup>72</sup> JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 186.

“Os temas da benevolência para com os pobres e da armadilha das riquezas eram recorrentes tanto na cultura judaica, quanto no mundo greco-romano”.<sup>73</sup> A Bíblia Hebraica repete por diversas vezes o tema do cuidado com os pobres, órfãos e viúvas como obrigação moral e religiosa.<sup>74</sup> Assim, o fato do rico não cuidar de Lázaro estava em desacordo com os princípios enunciados no Antigo Testamento, esperava-se uma atitude diferente do homem rico, principalmente tendo como pano de fundo a lei de Moisés e os escritos proféticos,<sup>75</sup> uma vez que eles são fartos em denúncias contra a opressão dos pobres (Am 6,1-7):

Ai dos que andam à vontade em Sião e dos que vivem sem receio no monte de Samaria, (...) Vós que imaginais estar longe o dia mau e fazeis chegar o trono da violência; que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro; (...) que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José. Portanto, agora, ireis em cativeiro entre os primeiros que forem levados cativos.

O rico deveria ter consciência de que bem perto dele havia alguém que experimentava profundo sofrimento. Ele tinha condições de oferecer uma ajuda imensa, mas se recusou a levantar até mesmo um dedo. Como judeu que conhecia “Moisés e os Profetas”, ele devia estar familiarizado com o tema bíblico de ser generoso com os necessitados, fosse com base nos textos da lei de Moisés, como Dt 15,1: “Sempre haverá pobres na terra (...). Portanto, eu ordeno que você seja generoso para com os pobres e necessitados em sua terra”. Ou, fosse com base nos textos proféticos clássicos, como Mq 6,8 – “Aja com justiça e (...) ame a misericórdia e (...) ande humildemente com o seu Deus”.

Muitas outras passagens das Escrituras localizadas entre essas duas se revelam igualmente contundentes. Deve-se atentar que esse ensino continuava em vigor na época do Novo Testamento. A exortação para que os crentes ricos compartilhassem o excedente continuava inalterada. Ainda assim, esse rico judeu não fez absolutamente nada para ajudar.<sup>76</sup> Em toda a Bíblia

<sup>73</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 133.

<sup>74</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 133.

<sup>75</sup> KARRIS, R. J., Novo Comentário Bíblico Jerônimo, p. 283.

<sup>76</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 61-62.



a graça de Deus motiva a necessidade do povo: (1) A despeito de não haver nenhum mandamento que obrigasse, Abrão generosamente dá um terço de seus despojos a Melquisedeque (Gn 14,19-20); (2) No momento em que são feitos planos para a construção do santuário, o povo de Israel é impedido de continuar doando, pois o que ofereceram estava além do necessário (Ex 35,5); (3) Paulo elogia os macedônios por responderem generosamente ao pedido para ajudar a empobrecida igreja de Jerusalém (2Cor 9,6-12).<sup>77</sup>

Um extremo a ser evitado é a santificação de todos os pobres e a demonização de todos os ricos. A pobreza não é um dom de Deus, mas um problema frequentemente causado pela ganância e que precisa ser sanado. E a riqueza pode ser uma bênção quando associada ao trabalho árduo e um espírito de gratidão. Esta parábola denuncia um grupo particular de ricos, aquele que não enxergam a pobreza e o sofrimento. Ela é contra a compreensão de que os bens são para o desfrute pessoal e que podemos usá-los sem prestar contas a Deus. Essa parábola demonstra que os pobres são irmãos dos ricos e que a ganância não pode ser tolerada.<sup>78</sup>

Desde o início, portanto, os intérpretes cristãos tem concentrado na questão moral da parábola que denuncia a insensibilidade dos ricos para com os pobres. Mesmo em relação aos estudos críticos modernos, a maioria dos teólogos continuam compreendendo a parábola como uma advertência à má aplicação dos bens e da negligência para com os pobres.<sup>79</sup>

Por fim, esta parábola apresenta um duplo clímax: (1) a inversão da sorte no além; e, (2) a rejeição dos pedidos do rico a Abraão. A primeira parte liga-se a um prévio material narrativo, portanto, o destaque recai sobre a novidade que Jesus acrescenta no epílogo. Isso significa que o foco de Jesus não é o problema rico-pobre, nem instruir sobre a vida além da morte, mas Ele narra a parábola no sentido de advertir os seres humanos, que se assemelham ao rico e aos seus cinco irmãos, de que o juízo é iminente. A parábola, portanto, trata dos seis irmãos e dever-se-ia chamar de parábola dos “seis irmãos” e não “do rico e do pobre Lázaro”. Os irmãos sobreviventes, correspondem aos homens da geração do dilúvio, que desfrutaram tranquilamente a vida, sem perceber que o fim se aproxima (Mt 24,37-39), vivendo “no egoísmo sem coração, surdos à palavra de Deus, porque são da opinião que com a morte tudo se acaba”.<sup>80</sup>

<sup>77</sup> ARMSTRONG, A., O fim da pobreza, p. 108-109.

<sup>78</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 608.

<sup>79</sup> SNODGRASS, K., Compreendendo todas as parábolas de Jesus, p. 598.

<sup>80</sup> JEREMIAS, J., As parábolas de Jesus, p. 187-188.

A tentativa de comunicação com os seus irmãos sugere que ele compreende que seu problema é nunca ter se arrependido, pois “nunca teve de fato um relacionamento com Deus durante a vida. E isso também torna plausível a inferência de que Lázaro teve esse relacionamento, embora essa informação não esteja expressa no texto”.<sup>81</sup>

## Conclusão

A parábola do rico e do mendigo Lázaro é uma continuação dos embates entre Jesus e os fariseus sobre as riquezas. “Sua afirmação anterior de que ‘o que é elevado diante dos homens é abominação diante de Deus’ (Lc 16,15), prepara a audiência para uma inusitada demonstração de quebra de paradigmas da mentalidade judaica”.<sup>82</sup> Na mentalidade dos ouvintes de Jesus, os ricos eram pessoas abençoadas por Deus, tendo em vista que a prosperidade significava a benção divina. Por sua vez, Lázaro, que mendigava na porta do rico, era visto como uma pessoa que havia sido abandonada por Deus. Entretanto, “ainda que o homem rico gozasse do favor de Deus, a ética do Antigo Testamento exigia dele uma postura de cuidado para com os pobres”.<sup>83</sup> Antigamente, alegava-se que não havia indícios de problema moral por parte do homem rico. Pelo menos nada que o condenasse ao *Hades* como era descrito na parábola. Entretanto, toda a sua imagem é construída a partir da imagem “de um homem cheio de luxo e esbanjador. Suas vestes demonstram o elevado grau de sua riqueza”.<sup>84</sup>

Em nenhum lugar nos evangelhos, Jesus condena a posse de riquezas, mas Ele adverte contra a falta de auxílio aos necessitados. É lícito ao cristão ser rico, ou que pelo menos tenha condições de viver com dignidade, mas é inadmissível que um cristão seja avaro ao ponto de não cuidar dos necessitados, pois todo seguidor de Cristo deveria ser misericordioso e propenso à caridade.<sup>85</sup> Alguns extremistas em círculos cristãos declaram que existe uma impossibilidade de ser ao mesmo tempo rico e cristão. Mas não é isso o que a Bíblia ensina. O que as Escrituras sistematicamente ensinam é a impossibilidade de sermos cristãos ricos,

<sup>81</sup> BLOMBERG, C. L., Pregando as parábolas, p. 60.

<sup>82</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 135-136.

<sup>83</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 136.

<sup>84</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 136.

<sup>85</sup> AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S., Estudo sobre a morte em Lc 16,19-31, p. 136.



sem ao mesmo tempo sermos generosos e compartilharmos com os outros o que temos.

A parábola do rico e do mendigo não busca apresentar um esboço, ou mesmo detalhes, acerca da vida após a morte. A mensagem de Jesus chama o povo a ouvir a exortação de Deus para mostrar compaixão com o pobre. Os temas da inversão da sorte e do juízo prevalecem. A parábola é uma advertência sobre a importância da administração dos bens, sobre a indiferença para com os pobres, sobre o julgamento dos seres humanos pela forma como viveram e um alerta de que as consequências virão. Jesus usa o linguajar e as imagens de aspectos importantes da cultura popular tradicional judaica. O propósito de estudarmos essa parábola no século XXI deve ser o mesmo de Lucas, motivar as pessoas a usarem seus bens para ajudar os pobres, de acordo com as Escrituras; e, também, por causa do juízo futuro contra aqueles que não o fizerem. A ética cristã está resumida nos dez mandamentos (Ex 20,1-17) que, por sua vez, se resumem em amar a Deus e ao próximo (Mt 22,37-40). O oitavo mandamento diz: “Não furtarás” (Ex 20,15). Os Lázarus continuam nas portas dos cristãos. Isso é um alerta para que os cristãos não ajam como o rico que somente se preocupava com os seus amigos e familiares e era insensível com as necessidades dos pobres. A ênfase evangelística da igreja não deve ser desprovida de uma preocupação com os pobres. Qualquer evangelho que não seja “boas novas” para os desfavorecidos socialmente e economicamente não é o evangelho de Jesus. Em si, a riqueza não é um mal. Mas o homem pode corromper-se pela riqueza, transformando-a no objeto de sua vida e a finalidade de sua existência, podendo escravizá-lo, desprezando Deus, oprimindo os pobres e prostituindo-se a si mesmo.

## Referências bibliográficas

AGUIAR, A. T.; BARROS, D. R. S. Estudo sobre a morte em Lucas 16:19-31. **Kerygma**, v.9. n.1, p. 131-144, jan./jun. 2013.

ARMSTRONG, A. **O fim da pobreza**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

BAILEY, K. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BARCLAY, W. **Comentário do Novo Testamento: Lucas**. Vida Publishers, 2000. v.4.

BAUCKHAM, R. The Rich Man and Lazarus: the parable and the parallels.

In: BAUCKHAM, R. **The Fate of the Dead**. Leda / Boston: Brill, 2014. p. 97-118.

BÍBLIA de Estudo de Genebra: Almeida Revista e Atualizada. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1993.

BLOMBERG, C. L. **Pregando as palavras**: da interpretação responsável à aplicação poderosa. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BOCK, D. L. **A Theology of Luke and Acts**: God's promised program, realized for all nations. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2002.

BOCK, D. L. The Parable of the Rich Man and Lazarus and the Ethics of Jesus. **Southwestern Journal of Theology**, v.40, n.1, p. 63-72, 1997.

BORING, M. E.; BERGER, K; COLPE, C. **Hellenistic Commentary to the New Testament**. Nashville: Abingdon Press, 1995.

BREDENHOF, R. **Help for Lazarus**: failure and prospect in Luke 16.19-31. Synoptic Gospels Seminar Group. University of Edinburgh: British New Testament Conference, 2015.

BULL, K. M. **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

CARVALHO, A. S. O homem rico e Lázaro: uma leitura sob a perspectiva do contexto econômico e dos paralelos pagãos. **Revista Pesquisas em Teologia**, v.3, n.6, p. 331-350, jul./dez. 2020.

CHIUPKA, L. **An Exegesis of Luke 16.19-31**: The rich man and Lazarus. Newman Theological College, 2017.

COLEMAN, L. **Parábolas**: revivendo as histórias de Jesus. São Paulo: SEPAL, 1999.

FEE, G. D.; STUART, D. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GALVÃO, A. M. O rico e o pobre: Estudo da parábola do rico insensível e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31). **Revista Eclesiástica Brasileira**, v.62, n.245, p. 52-77, 2002.

GARDNER, P. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1999.

GUNDRY, R. H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.



GUTHRIE, D. **New Testament Introduction**. Downers Grove: IVP Academic, 2013.

HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. **Nova chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Targumim / Hagnos, 2009.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1978.

KARRIS, R. J. Lucas. In: BROWN, R. E. et al. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011. p. 217-308.

LINDER, R. D. Opressão. In: Henry, C. F. H. (Org.). **Baker's dictionary of Christian ethics**. Grand Rapids: Baker Academic, 1973. p. 472-473.

LOCKYER, H. **All The Teachings Of Jesus**. Peabody: Hendrickson Publisher, 1999.

MONTEFIORE, C. G. **The Synoptic Gospels**. Londres: Macmillan, 1927. v.2.

MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NICHOL, F. D. et al. **Comentario biblico adventista del séptimo dia**. Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana 1995. v.2.

PLATT, D. **Contracultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de... São Paulo: Vida, 2016.

PORTER, L. E. Lucas. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**. São Paulo: Vida, 2012. p. 1.129-1.171.

RISÉRIO, A. **Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda identitária**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2020.

SCHOTTROFF, L. **As parábolas de Jesus**: uma nova hermenêutica. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SNODGRASS, K. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

STUHLMUELLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

WALSH, M. **Escola de Frankfurt**: o palácio de prazer do demônio. O culto da teoria crítica e a subversão do ocidente. Campinas: Vide Editorial, 2020.

WARDEN, D. The Rich Man and Lazarus: Poverty, Wealth and Human Worth. **Stone-Campbell Journal**, v.6, n.1, p. 80-92, 2003.

WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

***Eduardo Cavalcante Oliveira Santos***

Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo

Docente da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista  
de São Paulo

Engenheiro Coelho / SP – Brasil

E-mail: [eduardo.cavalcante@unasp.edu.br](mailto:eduardo.cavalcante@unasp.edu.br)

Recebido em: 01/02/2022

Aprovado em: 16/05/2022

